

A LINGUAGEM REGIONAL-POPULAR DE A BAGACEIRA

Maria do Socorro Silva de Aragão
Universidade Federal do Ceará
Universidade Federal da Paraíba

INTRODUÇÃO

José Américo de Almeida nasceu a 1º de outubro de 1887, na cidade de Areia, na região do Brejo paraibano e faleceu na cidade de João Pessoa a 10 de março de 1980. Foi, além de escritor, um político de projeção nacional, tendo exercido as mais altas funções no poder legislativo e executivo nacional, tendo sido Promotor Público, Procurador Geral do Estado, Secretário de Segurança Pública da Paraíba, Ministro de Viação e Obras Públicas no Governo Vargas, Ministro do Tribunal de Contas da União, Embaixador do Brasil junto à Santa Sé, Deputado Federal, Senador, Governador do Estado da Paraíba, candidato a Presidente da República, fundador e Primeiro Reitor da Universidade Federal da Paraíba. Como intelectual foi Membro da Academia Brasileira de Letras, e em 1977 a União Brasileira de Escritores faz-lhe importante homenagem concedendo-lhe o título de "O Intelectual do Ano".

Em 1958 recolheu-se voluntariamente à sua residência na praia de Tambaú, em João Pessoa, ficando conhecido posteriormente como o *Solitário de Tambaú*.

Depois da sua morte, sua residência foi transformada na Fundação Casa de José Américo, guardando as mesmas características de quando ele estava vivo. A Fundação contém o *Museu*, com objetos pessoais, uma *Biblioteca*, com cerca de 10.000 livros, o *Arquivo*, com documentos pessoais, documentos sobre a história política da Paraíba e do país, um *Setor de Pesquisas*, um *Setor de Promoções Culturais* e um *Setor de Publicações*. No pomar da antiga residência encontra-se o *Mausoléu* onde o autor está enterrado, juntamente com sua esposa. A Fundação é Órgão Cultural mantido pelo Governo do Estado da Paraíba.

Além de político, José Américo também se destacou como escritor sendo considerado um dos mais importantes escritores paraibanos e nacionais. Tem uma obra multifacetada que abrange do ensaio, ao romance às memórias, aos discursos e as crônicas. José Américo em suas obras de ficção usou a palavra de forma precisa e artística, nas suas variações regionais, erudita e populares, a partir do perfeito domínio da norma culta padrão.

Escreveu dezoito livros, porém sua obra mais conhecida é o romance regionalista **A Bagaceira**, lançado em 1928, atualmente, com mais de trinta edições em língua portuguesa e traduções para diversos idiomas, entre os quais o espanhol, o inglês, o francês e o esperanto.

As obras publicadas por José Américo são: *Reflexões de Uma Cabra* (1922); *A Paraíba e Seus Problemas* (1923); *A Bagaceira* (1928); *Ministério da Viação no Governo Provisório* (1933); *O Ciclo Revolucionário do Ministério da Viação; O Boqueirão; Coiteiros* (1935); *As Secas do Nordeste* (1953); *Ocasos de Sangue: crônicas* (1954); *Sem me Rir, Sem Chorar* (1957); *Discursos do Seu Tempo* (1964); *A Palavra e*

o Tempo (1965); *Ad Imortalitatem* (discurso de posse na ABL, 1967); *O Ano do Nego* (1968); *Graça Aranha, o Doutrinador: ensaio* (1968); *Eu e Eles* (1970); *Quarto Minguante: Poesia* (1975); *Antes Que Me Esqueça* (1976).

1. A BAGACEIRA, OBRA REGIONAL

A **Bagaceira** é considerada um marco inicial do romance regionalista do Modernismo na literatura brasileira e abre o chamado Ciclo do Romance de 30. Destaca-se pelas denúncias sobre os sofrimentos causados pela seca e pelo sistema de trabalho nos engenhos de açúcar da região do Brejo. Fazendo alusão à seca (Sertão) e à terra de Canaã – (Brejo) diz o autor sua famosa frase: *Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã.*

No dizer de Jackson de Figueiredo, **A Bagaceira** “[...] é o poema do sertão nordestino, ou melhor, o poema da humana vaga sertaneja, em seu perpétuo rolar do sertão definido, heróico e idílico, às terras mestiças, sensuais, dispersivas, cruéis, e sentimentais, que se abeiram da inconstância do mar”. FIGUEIREDO (1977, p.41).

A temática, a estrutura literária e a linguagem de suas obras caracterizam, com rara precisão, o nosso povo, seu falar, costumes, crenças e tradições, e seu modo de ser, viver, pensar e agir, dentro do seu universo sócio-lingüístico-cultural. Sua linguagem popular se manifesta, basicamente, no léxico, com um vocabulário de palavras e expressões regionais/populares.

Em seu enredo mostra o início do fim de uma época no modo de produção do açúcar nos Engenhos nordestinos, baseado no uso de ferramentas e técnicas rudimentares para a preparação da terra e produção da cana. No romance os retirantes e os homens da “bagaceira” são as figuras da maior importância narrativa.

O romance faz uma análise da vida dos retirantes que vinham do sertão nos períodos de seca e chegavam aos engenhos, onde eram, normalmente, hostilizados pelos brejeiros trabalhadores desses engenhos. O romance traz uma visão sociológica da situação desses degredados das secas e dos trabalhadores da cana de açúcar.

O enredo baseia-se no êxodo dos dois períodos de seca de 1898 e 1915. Os retirantes sertanejos, Valentim Pereira, sua filha, Soledade, e um agregado, Pirunga, abandonam a fazenda do Bondó, no sertão e buscam abrigo no engenho Marzagão, de Dagoberto Marçau, rico e dominador senhor de engenho, cuja mulher falecera durante o nascimento do filho do casal, Lúcio, estudante de Direito no Recife.

Passando as férias no engenho, Lúcio conhece Soledade e por ela se apaixona. O estudante volta à Faculdade e ao retornar, já advogado, toma conhecimento de que Valentim Pereira se encontra preso por ter assassinado o feitor Manuel Broca, suposto sedutor de Soledade. Lúcio resolve defender Valentim e informa ao pai da sua intenção de se casar com Soledade. Dagoberto não aceita a decisão do filho já que foi o próprio Dagoberto que seduziu Soledade.

Dagoberto e Soledade fogem para o sítio Bondó, no sertão paraibano. Pirunga os acompanha e com a idéia de vingança, acaba por provocar a morte do senhor de engenho.

Lúcio toma posse do engenho e dá início à modernização da propriedade que fora de seu pai, tanto em termos produtivos quanto em termos sociais. Anos mais tarde, na seca de 1915, Soledade, completamente envelhecida, leva para Lúcio, um menino, filho de Dagoberto.

2. MARCAS REGIONAIS E SOCIAIS NA LINGUAGEM DE *A BAGACEIRA*

Sabe-se que a língua é uma só, porém composta de infinitas variedades que, reunidas, constituem a estrutura da língua como um sistema. O princípio da variedade na unidade é uma das bases dos estudos dos falares regionais populares.

O Brasil é tido como um país-continente, com diferenças regionais e socioculturais imensas e, por isso mesmo, a língua portuguesa, em nosso país, apresenta uma diversidade bastante significativa, tanto regional quanto social, especialmente em relação ao léxico.

Essa diversidade muitas vezes é característica de um estado específico, outras vezes se estende para toda uma região, e é nesse aspecto que analisamos a linguagem regional / popular de **A Bagaceira**.

A linguagem de **A Bagaceira** tem sido vista de modos diferentes, variando de acordo com os personagens que a usam: a fala do autor, de seu filho doutor ou do povo da seca e do engenho. Essa tendência é geral em autores nordestinos e paraibanos que, mesmo escrevendo no registro culto, utilizam em suas obras a linguagem regional popular, na boca de seus personagens não cultos. Dos exemplos retirados da obra de José Américo de Almeida alguns estão registrados nos dicionários regionais paraibanos de Horácio Almeida e de Leon Clerot, outros não se encontram dicionarizados, mas todos eles retratam em seu léxico, a cultura e a sociedade paraibanas.

Falar de **A Bagaceira**, do ponto de vista lingüístico, é falar, além do erudito, do regional, do popular, da cultura e da sociedade paraibana e nordestina como um todo. Os personagens de **A Bagaceira** têm, em sua linguagem, as marcas socioculturais que a distinguem dos demais falares regionais brasileiros. Os termos e expressões utilizados, na maior parte das vezes são de uso quase que exclusivo do falar paraibano. Vejamos alguns exemplos:

ACATITAR OS OLHOS - arregalar, fixando os olhos. “*Acatitou os olhos e escumava, como juá*”. Expressão registrada apenas por Horácio Almeida na variante *encatitar*.

ANDAR COM UMA PELE-DE-CEARÁ NOS OLHOS – não perceber as coisas, ser conivente, fazer de conta que não vê as coisas. *Faz e acontece, e quando acaba, não tem um tiquinho de sentimento. Anda com uma pele-de-ceará nos olhos*. Esta expressão não está registrada em nenhum dos autores consultados.

ANDAR DE CAPAS ENCOURADAS - disfarçado, dissimulado, mascarado. “*Há gente que anda de capas encouradas; quando menos se pensa, bota as mangas de fora[...]*”. Nenhum dos dicionários consultados registra esta forma.

BROTE - bolacha grande e dura. “*Deitavam-se a elas nos fundos das bodegas por um rabo de bacalhau ou um brote duro*”. O termo brote foi introduzido no vocabulário

nordestino numa adaptação da palavra holandesa *brood* (pão), durante o período da dominação holandesa no Nordeste. Apenas Horácio Almeida registra o termo, mas com outro sentido.

CELÉ - atordoado, estonteado. “*Caiu ciscando, ficou celé*”. Dos dicionários consultados apenas Horácio Almeida registra.

CHUMBERGADA - pancada, açoitamento, golpe dirigido contra uma pessoa ou animal. “*Arrochei-lhe outra chumbergada*”. Dos dicionários consultados apenas Horácio Almeida registra. Os demais não registram o termo.

DAR DE MAMAR À ENXADA – apoiar-se no cabo da enxada. É uma atitude própria do enxadeiro no eito, dando suas paradas em meio à sua labuta. *Só vive dando de mamar à enxada*. Nenhum dos autores consultados registra a expressão.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos aqui apresentados mostram-nos, de forma clara, as relações existentes entre a língua, a sociedade e a cultura, demonstrando, contudo, que a língua é o elo de ligação entre elas, por se reportar igualmente à sociedade e à cultura.

A visão de mundo, as crenças, as ideologias e as formas de expressão dessa sociedade com sua cultura são transmitidas de geração a geração pela língua, falada e/ou escrita, tornando evidente que a língua representa e guarda as marcas sociais e culturais daquela comunidade que a utiliza.

José Américo de Almeida como homem profundamente ligado às coisas de sua terra e ao seu universo sociocultural, representa essa terra e essa gente, de forma magnífica em sua obra **A Bagaceira**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Horácio de. **Dicionário popular paraibano**. Campina Grande: Grafset, 1984.
- ALMEIDA, José Américo de. **A bagaceira**. 16ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. et al. **Glossário aumentado e comentado de a Bagaceira**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo / A União, 1984.
- _____. **Cartilha literária, José Américo de Almeida**. João Pessoa: Fundação Casa de José Américo / Ministério da Educação, 1987.
- CASTRO, Ângela Maria B. de. **Re-leitura de a bagaceira: uma aprendizagem de desaprender**.
- CLEROT, L.F.R. **Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba** (Estudo de glotologia e semântica paraibana). Rio de Janeiro: s.ed. 1959.
- FIGUEIREDO, J. A fisionomia cultural do autor de “A Bagaceira”. Artigo escrito em 1928 e republicado In: **José Américo: o escritor e homem público**. João Pessoa, A União, 1977, p. 41.